

PARA UMA POÉTICA DO HOMOEROTISMO: CORPO, AUTORIA E SUJEITO NA POESIA DE LUÍS MIGUEL NAVA.

Emerson da Cruz Inácio
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Tombei...

E fico só esmagado sobre mim...¹

A literatura portuguesa traz em sua série literária e como matrizes culturais uma constituição temática profundamente marcada por aquilo que Maria Gabriela Llansol chamou de “paradigmas frontalmente inatacáveis”, sintetizados nas imagens, principalmente, de autores como Camões, Vieira, Eça, Antero e Pessoa. Contudo, tais paradigmas, muitos além de afirmarem, confirmarem e reafirmarem um certo modo de ser português e uma certa forma de ser nação, também vêm demonstrar um certo apagamento de indivíduos por detrás desses cinco vates.

A percepção construída pela crítica canônica de que em Portugal se estabelecia uma literatura tecida na e pela coletividade levou o projeto literário português a durante muito tempo acreditar numa espécie de eu coletivo, plural, que se apresentava intrinsecamente dentro dos objetos produzidos nessa literatura.

Porém, nunca se poderá negar que aqueles autores que sustentam o sistema literário português, antes de qualquer coisa, apresentam-se como indivíduos plenamente constituídos, personagens sociais e históricos que reclamam, de certa maneira, serem lidos também a partir daquilo que produziram enquanto sujeitos literários e como pessoas sensíveis aos anseios de seu tempo. Ao lado da fidelidade e da colaboração para a construção do cânone de uma nação, estão

¹ SÁ CARNEIRO, Mário. “A queda”. In: CARVALHO, Júlio & RODRIGUES, Antônio Basílio. *Processo lírico em Literatura Portuguesa*. Rio de Janeiro: Didática Minerva, s/d.,

também a reclamar a sua independência significativa, as marcas inefáveis deixadas por aqueles autores antes citados: sinais profundos de autores que fizeram de suas obras exemplos claros dos sujeitos e também dos autores que as constituíam.

É impossível não ver no desconcertado Camões e no atormentado Antero a dor da falência de um tempo e o descentramento das esperanças pessoais. Por detrás do posicionamento crítico e irônico, próprio destes autores, a angústia de dois sujeitos que transformam em poesia sua necessidade de dizer o mundo a partir de uma identidade individual e coletiva. Assim, nesses autores que tanto marcam a história da literatura em Portugal, a subjetividade se revela enquanto traço que ao mesmo tempo os identifica e os configura como matrizes literárias. O que se quer revelar, portanto, é que tais autores também deixaram como contribuição toda uma forma de expor textualmente aquilo que constituía suas identidades como sujeitos, ora civis ora poéticos, que experimentaram intimamente aquilo que motivava o que produziam.

Nesses jogos entre identidades, sujeitos e paradigmas literários, o autor - ilusória fonte dos discursos – se relativiza dentro dessa literatura: Fernando Pessoa, o poeta da modernidade portuguesa, irá fragmentar os limites entre autoria e subjetividade, promovendo um descentramento profundo na constituição daquele sujeito que então se apresentava, socialmente ou poeticamente. A subjetividade em Pessoa, para ser o lugar do fingimento, do escamotear as verdades e o autor – até então lugar da identidade – se multifaceta na alteridade de muitas vozes, de muitos discursos e dispersos sujeitos.

Roland Barthes, refletindo sobre este processo, decreta a morte do autor enquanto entidade, declarando que este só se constitui como uma simples imagem para o leitor, tal como também o fará, *a posteriori*, as teorias da recepção ao atribuírem ao receptor um papel tão

importante quanto o do autor. Na dinâmica da modernidade, portanto, a autoria e a subjetividade entram num contínuo processo de apagamento.

Entretanto, esta mesma dinâmica será o que contribuirá para a construção de novos sujeitos que se pensam a partir dos lugares em que se constituem como sujeitos. O entrelugar do autor começa neste ínterim a esfumaçar-se e dar lugar à plena reconstituição desse papel e das identidades que se perfazem por detrás dele.

Sobre o trabalho da autoria e sobre o que isso engendra enquanto identidade e lugar de construção dos discursos e sentidos, Eni P. Orlandi declara que o autor é o princípio de agrupamento de seu discurso, fato que o responsabiliza e o reflete no texto que produz. Comentando Foucault, fala-nos a lingüista:

Se a noção de sujeito recobre não uma forma de subjetividade, mas um lugar, uma posição discursiva (marcada pela sua descontinuidade nas múltiplas dissensões do texto) a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo o efeito de continuidade do sujeito. (1986: 68-9)

Dessa forma, o autor se expõe necessariamente no discurso que produz, mesmo que se leve em consideração que no discurso da literatura haja, por detrás da autoria, estratégias de falseamento, de fingimento poético, de escamoteamento do indivíduo por detrás do sujeito. Por mais que ele se travista enunciativamente no interior do que diz, este dizer terá sempre uma marca de suas relações com o mundo que o cerca.

Neste sentido e no viés canônico das matrizes de sua literatura, Luís Miguel Nava – morto em 1995, em Bruxelas, em condições pasolinianas - e com ele outros poetas portugueses das últimas décadas do século XX, cuidaram implementar uma certa fusão entre autoria,

subjetividade, vivência e experiência em suas produções poéticas. Na esteira dos sujeitos do cânone, as novas escrituras subjetivas das margens.

A tão decantada morte do *Autor*, por fim, acabara de acontecer.

Entretanto, a morte de Nava, a despeito de marcar a finitude de uma produção poética, constitui-se muito mais como a fusão da ficcionalidade do sujeito poético com o real do autor; assim, verdade poética e verdade biográfica unem-se num Eros homossexual e prorrompem no texto pela voz de um sujeito discursivo pautado na e pela perspectiva homoerótica.

Nava se afigura na poesia portuguesa dos anos 80 e 90 como um dos mais eloquentes representantes de uma poética que se pauta no desejo pelo masculino e pela violência dos elementos que, metaforicamente, irão materializar este desejo na poesia.

O autor de *Vulcão* e *Relâmpago* é o mestre de uma escrita pautada na constante tentativa de perceber o que o envolve, recorrendo assim às instâncias humanas, como memória e subjetividade, como formas de leva-lo à compreensão e à captação da realidade. Esses aspectos, às vezes, se desdobram, apontando para a existência de uma alteridade que pretende colaborar para que o “estar no mundo” do poeta se dê por completo.

Assim, o **eu** se desdobra, se reflete em espelhos, parte-se em relâmpagos e raios, parte-se na figura de um secretário poético que escreve e reescreve Nava, apontando, dessa maneira, para a reconstrução de um sujeito que reúne suas vísceras poéticas, seus restos humanos, no corpo da poesia. A poesia de Nava, segundo António Manuel Ferreira,

*“é um lugar de representação do eu profundo do
sujeito, porque é, ao mesmo tempo, um lugar de
concentração de indícios pessoais [portanto, do
autor, do Nava homossexual português que viveu*

em Bruxelas] e de laços que ligam [este] eu ao mundo".(1999: 126).

A subjetividade, na poesia de Nava, está aclarada na relação e na visão que tem do corpo, visto como um objeto a ser exposto em suas entranhas, em suas vísceras. A corporeidade, uma das grandes metáforas da poesia do autor revela em si o desconforto de uma interioridade que se expande e se descortina para o exterior na pele-mar, na pele-vulcão, na pele desejo, como o próprio autor alude em vários de seus poemas e particularmente em *Vulcão* e *Relâmpago*. Ao mesmo tempo em que todos os desejos são expelidos na violência da explosão vulcânica, estes o são também lançados ao espaço comum, expostos em sua dinâmica mais feroz. Este sujeito exposto, cindido na violência do relâmpago, revela suas entranhas e reentrâncias, numa perspectiva artaudiana, e é como que tomado pela certeza de que sua identidade e sua subjetividade se constroem no interior do corpo poético.

A exposição de um corpo visceral, que é pele e entranhas ao mesmo tempo, se mostra como recorrência poética em Luís Miguel Nava; a corporeidade é o lugar da imensidão, vasto mar de poesia, operando em dois sentidos: ao mesmo tempo em que se espraia no texto e nele e por ele se destrói, explode em relâmpagos e raios a expor aquilo que é mais intrinsecamente corpóreo: sua memória, suas lembranças e os sentidos que este corpo constrói, sintetizados nas vísceras desse corpo homoerótico:

A NEVE

*Escarvam-me o passado as unhas
De deus enquanto vísceras, das quais
Me vem ao cérebro a esperança,*

*Se impregnam de sentido e em cima
De mim placidamente a neve cai
Vergando-me as lembranças. (1984: 16)*

Dentre às inúmeras alusões às cavidades e interioridades do corpo erótico, as vísceras, os intestinos, a pele são os elementos que constituem este corpo feito poesia que ao mesmo tempo trabalham em um jogo de duplo sentido que vai do todo para as partes e retornam à inteireza no e através do texto. Nele o desejo íntimo do sujeito poético se traduz e se reconstitui.

Outra perspectiva da poética de Nava são as relações dicotômicas, que polarizam as redes significativas de sua poesia. Desta forma, sexo e sentimento, erotismo e afetividade, corpo e espírito, interior e exterior são as bases das tensões e dos registros de situações aparentemente vividas pelo sujeito poético: o rapaz, desejado metonimicamente por sua pele luminosa, não pode ser descrito pela linguagem usual mas pelo entendimento sensorial daquilo que de sua pele emana.

*RAPAZ
Não sei como é possível falar desse
Rapaz pelo interior
De cuja pele o sol surge antes de o fazer no céu.
(1987: 60)*

No poema ARS EROTICA, A lógica do desejo homoerótico é vista nos pares sexo/sentimento e erotismo/afetividade; nesta tensão, o amor é traduzido por um sujeito que ama pela sensorialidade tátil das mãos o interior do outro do rapaz. A visão e a sensação dessa total posse do outro, o faz perceber que nesta interioridade corpórea está o espaço da significação:

*Eu amo assim: com as mãos, os intestinos. Onde
Ver deita folhas. (idem, p. 60)*

Este sujeito homoeroticamente cindido percebe a afetividade, dentre outros aspectos, a partir daquilo que a literatura portuguesa consagrou como tema gerador: o mar. Ao mesmo tempo

em que perfaz esta retomada do paradigma canônico, vê nesse *locus* uma certa tradição: aquela das cantigas de amigo, aqui reconfiguradas na realização erótica e na dinâmica da resignificação do termo amigo. Este amigo/rapaz, não perdido mas achado nas ruas lisboetas constrói, também, o imaginário erótico, sintetizado na figura do marinheiro, atuar no engate, na clássica “pegação” e na vivência amorosa interdita só possível nos espaços restritos, silenciosos e anônimos dos quartos de pensão e dos hotéis baratos. A pele que recobre os corpos desejados, novamente aparece como o lugar da imensidão dos desejos:

NA PELE

*O mar, venho ver-lhe a pele a rebentar
Ao longo das falésias, o que sempre
Me traz a exaltação desses rapazes que circulam
Por Lisboa no verão.
O mar está-lhes na pele. Partilho
Com eles os quartos das pensões, sentindo as ondas
A avançar entre os lençóis. Perco-me à vista
Da pedra onde o mar vem largar a pele. (id. Ibid., p. 61)*

Luís Miguel Nava consegue realizar o encontro de duas esferas até então separadas: a articulação de um sujeito poético que dialoga e reflete poeticamente a realidade de um sujeito autor. O poeta de *O céu sob as Entranhas* reconstrói o percurso entre essa individualidade e o mundo que o cerca, resgatando a possibilidade de unidade entre dois espaços, o autoral e o subjetivo, já que estes são a condição para que sua construção poética efetivamente se dê e como o próprio poeta declara:

*Um rio extravasou-me da memória, a que o mantinham preso as forças
do passado. Nas suas margens, o meu corpo divide-se entre a História
e a atmosfera, tornando assim o peso à realidade que através de todos
os meus poros se procura incorporar na marcha dos sentidos. (...) Parece
trepidar a toda a minha volta um mecanismo de que a História
fosse o único combustível. Da memória abro veredas para as partes do
meu corpo mais expostas à devastação das águas. (1989: 31)*

Nava - como outros autores portugueses contemporâneos que também refletem um discurso poético homoerótico – opera no sentido da contribuição de uma possível poética para o homoerotismo, uma vez que dá lugar em sua poesia aos derramamentos de um eu homossexual que se expõem em vísceras e corpo, interioridade e exterioridade, num continuo movimento de resgate de uma subjetividade autoral já a um tanto perdida. Com sua poesia espera-se, portanto, a emergência de um sujeito, cujo corpo, que para ver-se novamente unitário, precisa explodir como vulcão, clarear como relâmpago para a partir daí por ordem no caos da autoria.

Bibliografia:

AMARAL, Fernando Pinto do. *O mosaico fluido: modernidade e pós-modernidade na poesia portuguesa recente*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

BAESCU, Helena Carvalhão. *Em busca do autor perdido: histórias, concepções, teorias*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

FERREIRA, António Manuel. “Luís Miguel Nava: até à raiz da alma”. In: *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas: Actas do 2º. Encontro de Estudos Portugueses*. Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães, 1996.

NAVA, Luís Miguel. *Poemas*. Porto: Limiar, 1987.

_____. *O céu sob as entranhas*. Porto: Limiar, 1987.

_____. *Vulcão*. Lisboa: Quetzal: 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PEREIRA, Edgar. *Portugal: poetas do fim do milênio*. Belo Horizonte: FALE/UFMG/SETTE LETRAS, 1999.